

# Mercado de ações pode atrair mais empresas

— “Existem no Brasil, hoje, cerca de 5 mil empresas em condições de participar do mercado de ações, cinco vezes mais do que o atual número de empresas de capital aberto contabilizadas”, disse, na sexta-feira, em Nova York, o presidente da Bolsa de Valores do Estado de São Paulo (Bovespa), Eduardo da Rocha Azevedo, durante o seminário sobre conversão de dívida.

Em sua opinião, a entrada dessas empresas no mercado permanece condicionada à recuperação dos negócios com ações, depois dos dois últimos anos de declínio “sem precedentes” dos níveis de preço e de volume de negócios registrado pelo mercado brasileiro de capitais. Em 1987, o declínio real de preços chegou a 71%, na Bovespa, e o valor de mercado das 586 empresas listadas na bolsa caiu de US\$ 41 bilhões para menos de US\$ 20 bilhões.

Entretanto, no primeiro trimestre de 1988, o mercado passou a recuperar-se, em volume de negócios e em preços, o que leva o presidente da Bovespa a acreditar que o valor de mercado de capital dessas empresas tenha atingido cerca de US\$ 30 bilhões, no final de março. A expectativa é que o mercado de ações brasileiro cresça, em decorrên-

cia do seu papel de canalização de recursos para capitalização das empresas e de ampliação da base acionária das mesmas.

Dentro do processo de ampliação da taxa de investimento da economia do País, a participação de recursos externos dispostos a financiar investimentos de risco, inclusive pela via da conversão, pode, segundo Rocha Azevedo, contribuir para capitalizar as empresas nacionais, sobretudo as que forem objeto de privatização.

Rocha Azevedo defendeu a necessidade “inadiável” de privatização das empresas estatais, como forma de solucionar a “deteriorada situação das finanças públicas”. Para ele, o investimento estrangeiro de risco poderá ser importante na alavancagem de uma nova fase de desenvolvimento do País, em que o setor privado será o pólo dinâmico, num contexto de uma economia mais aberta para o exterior e sujeita a uma menor intervenção estatal.

Desde a crise do sistema financeiro internacional, em 1982, segundo Rocha Azevedo, ficou clara a “impossibilidade de continuar financiando o crescimento econômico interno do País com créditos voluntários dos bancos privados internacionais”.